

# w+ARTIKEL

## WISSENSCHAFTPLUS

LK-Verlags UG

AIDS  
SARS BSE  
CORONA  
MERS

# VÍRUS: *Um erro de Interpretação*

PARTE I

Dr. Stefan Lanka

# Vírus: Um erro de Interpretação

Dr. Stefan Lanka

Diferente do que a maioria acredita, não existe essa coisa de um vírus causador de doenças. As suposições sobre a existência dos vírus se baseiam em interpretações equivocadas que arrastamos historicamente, não por engano ou por más práticas propositais, como eu mesmo suspeitava anteriormente. Atualmente, novas e melhores descobertas “científicas” explicam a origem, o tratamento e a prevenção de todo o tipo de doenças, não apenas as “virais”. Inclusive fenômenos como o aparecimento – simultâneo ou próximo no tempo – de sintomas que até agora haviam sido interpretados como consequência de um contágio por transmissão de patógenos, podem ser explicados a partir de outra perspectiva graças a essas novas descobertas. O resultado sugere uma nova concepção da vida, que vem da antiguidade e da integração cósmica de todos os processos.

Esta “nova”, ou melhor dizendo, redescoberta, forma de ver as coisas só pode surgir fora da “ciência”, entre outras razões, por que os envolvidos nas instituições científicas não cumprem com o primeiro e mais importante dever científico. Que nada mais é do que questionar e duvidar constantemente de tudo. Do contrário, já teriam descoberto que as interpretações errôneas vêm sendo formadas há muito tempo, mas também, além disso, devido aos processos “anticientíficos” dos anos 1858, 1953 e 1954, que se tornaram dogmas.

A transição para uma nova explicação da saúde, da doença e do processo de cura, só será possível na medida em que todos os terapeutas e cientistas envolvidos puderem manter sua reputação intacta com ela. Não faltam explicações, tanto do ponto de vista histórico como a partir da nova concepção da biologia e da vida, para todo o tipo de emoções, de ignorância e de comportamentos. E esta é a segunda boa notícia; a reversão e o perdão são ainda mais eficazes quando as coisas podem ser compreendidas e aprendidas para o futuro.

No entanto, sei que para muitas pessoas pode ser difícil aceitar intelectualmente a explicação da realidade que ofereço neste artigo. Principalmente para aqueles diretamente envolvidos com o assunto, como os médicos, virologistas ou profissionais de saúde em geral, e especialmente para aqueles que foram afetados por diagnósticos errôneos ou que, devido a esses equívocos, perderam entes queridos. A própria dinâmica das teorias da infecção, como no caso da AIDS, BSE (doença da vaca louca), SARS (síndrome respiratória aguda grave), MERS (síndrome respiratória do Oriente Médio), Corona e as diversas gripes animais, podem levar ao colapso da ordem pública; portanto, peço encarecidamente que todos aqueles que vierem a descobrir os fatos relativos à “inexistência” dos supostos vírus tratem o assunto de maneira mais sistemática, objetiva e desprovida de emoções possível.

## A situação atual

Todas as suposições que identificam os vírus como agentes causadores de doenças não são corretas e são baseadas em falhas de interpretações facilmente reconhecíveis, compreensíveis e demonstráveis. As verdadeiras causas das doenças e dos fenômenos atribuídos aos vírus já foram investigados e estão ao alcance de todos. Ao invés de trabalhar com vírus, todos os cientistas em laboratório trabalham com componentes típicos de células ou de tecidos agonizantes (inviáveis). Eles acreditam que essas células e tecidos morrem porque foram infectados por um vírus. Na verdade, esses tecidos e células de “laboratório” estão morrendo de envenenamento e fome, como consequência das condições metodológicas exigidas pelo ensaio. Nesses ensaios os virologistas retiram a solução nutritiva, na qual conservam as células e tecidos, e os envenenam com antibióticos tóxicos e, em seguida, os expõem ao sangue, saliva e outros fluidos corporais supostamente infectados. Dessa forma, acreditam que a morte das células e dos tecidos é provocada, causada, pelos vírus. Mas na realidade ela ocorreu por si só, sem a intervenção de nenhum material “infectado”. E os virologistas não se deram conta disso!

Segundo a lógica científica, os testes controle deveriam necessariamente ter sido realizados com esse novo método descoberto para a suposta multiplicação de vírus, para poder descartar que o próprio método tenha sido o gerador desses resultados ou os tenha distorcido. Nestes testes adicionais – testes de controle – deveriam ter adicionado substâncias estéreis ou tecidos saudáveis de humanos e animais às células e tecidos agonizantes (inviáveis) que estavam sob investigação. Esses testes de controle nunca foram realizados nesta “ciência” até hoje! No caso do processo judicial do vírus do sarampo, encomendei em um laboratório independente a realização destes testes de controle. E o resultado foi de que os tecidos e as células morreram de maneira idêntica à que teriam morrido se tivessem entrado em contato com material supostamente infectado.

O objetivo dos testes de controle é descartar que o método ou técnica utilizada seja o gerador do resultado. Os testes de controle são a maior obrigação e a única base para que um resultado seja considerado científico. Como veremos mais a frente, durante o processo judicial sobre o vírus do sarampo, o perito escolhido pelo júri determinou que as publicações científicas em que se baseia toda a virologia não contêm nenhum tipo de teste de controle. A partir disso, chegamos à conclusão de que os cientistas envolvidos atuam de forma muito pouco científica, sem se darem conta disso.

A explicação desta forma de proceder, incompatível com qualquer pretensão científica, tem um ponto de partida histórico: em junho de 1954 foi publicada uma especulação contraditória e anticientífica segundo a qual a morte de células e tecidos em um tubo de ensaio era considerada como um possível sinal da presença de um vírus. Seis meses depois, em 10/12/1954, o autor desta deliberação recebeu o Prêmio Nobel de Medicina por outro assunto de natureza igualmente especulativo. Com essa distinção<sup>1</sup>, a especulação de junho de 1954 foi elevada à

categoria de fato científico e não foi contestada até hoje. Desde então, a morte de células e tecidos em um tubo de ensaio é considerada como prova da existência dos vírus.

## Os indícios aparentes da existência dos vírus

Ainda há mais. A morte dos tecidos e células também é descrita como o isolamento do vírus, uma vez que – supostamente – foi introduzido à amostra de laboratório o material de um organismo externo. Porém, no sentido exato da palavra isolamento, um vírus nunca foi isolado. Ou seja, nunca foi representado como um todo ou caracterizado bioquimicamente. As fotos do microscópio eletrônico realmente mostram componentes normais de células e de tecidos agonizantes (inviáveis). Uma vez que os envolvidos apenas ACREDITAM que os tecidos e as células ao morrerem são transformados completamente em vírus, a dita morte também é descrita como multiplicação destes. Até hoje, os envolvidos apenas se limitam a acreditar, já que o descobridor desde método publicou um artigo de fé que, graças ao seu Prêmio Nobel, se converteu em referência. Esse assunto será ampliado mais a frente.

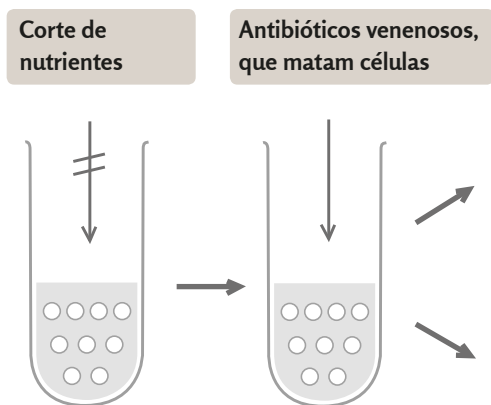
Essa mistura sem purificar, composta por células e tecidos inviáveis provenientes de macacos ou fetos de gado e por antibióticos tóxicos, é classificada como uma vacina “viva atenuada” adequada ao uso já que, aparentemente, contém vírus debilitados. A morte de tecidos e células – devido à fome e envenenamento, e não devido a uma suposta “infecção”- foi mal interpretada e continua sendo, como prova da existência de vírus, bem como prova do seu isolamento ou de sua multiplicação.

Dessa forma, a mistura tóxica resultante, considerada como vacina “viva atenuada”, contém proteínas e ácidos nucléicos (DNA, RNA) estranhos ao corpo humano, antibióticos citotóxicos, além de micróbios e esporos de todo o tipo. A vacina é administrada às crianças no ombro em uma quantidade que, se injetada na veia, poderia certamente causar a morte. Somente em casos de total desconhecimento e de confiança cega nas autoridades governamentais, que “testam” e autorizam as vacinas, alguém pode descrevê-las como uma picada “pequena e inofensiva”. Esses fatos demonstráveis constata a periculosidade e a negligência daqueles cientistas e políticos que alegam que as vacinas são seguras, que não causam efeitos colaterais e que previnem contra doenças. Nada disto é verdadeiro nem comprovável; pelo contrário, quando se olha de uma perspectiva científica, nenhuma utilidade é encontrada, apenas confissões sobre a falta de evidências<sup>2</sup> sobre a sua utilidade.

Componentes específicos são extraídos dos componentes de células e tecidos mortos que são erroneamente interpretados como vírus e conceitualmente adicionados a um modelo de vírus. Em toda a literatura “científica”, um vírus real e completo nunca aparece. O processo de construção de um consenso a respeito do que é e o que não é um vírus confrontou os envolvidos em árduos debates que duraram décadas no caso do vírus do sarampo. E no caso do suposto Coronavirus-2019 da China (renomado para 2019-nCoV), este processo de construção de um consenso levou apenas alguns cliques do mouse. ►

**Diagrama 1 :**

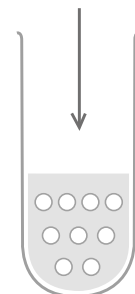
Os experimentos de controle estão faltando e, portanto, tem sido ignorado que há apenas evidências hipotéticas e conceptuais, e não materiais ou científicas, da existência de vírus.



As células são supostamente deixadas “con fome” para mais facilmente absorver o alegado vírus.

Os antibióticos são supostamente para excluir a expectativa de que a morte das células seja causada por bactérias.

**Adição de sangue ou saliva de pessoas doentes (“infectadas”)**



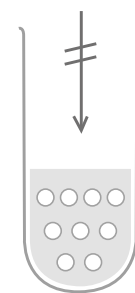
“Experimento infeccioso”

**s células morrem de inanição e envenenamento**



Falsa crença: O vírus matou as células

**Sem infecção**



“Experimentos de controle”  
Até hoje, nem medicina ou “ciência” realizaram experimentos de controle.

**As células morrem de inanição e envenenamento**



Realidade: As células morrem de inanição e envenenamento.

A partir da solução molecular de pequenos fragmentos de ácido nucléico proveniente de células e tecidos mortos, cuja composição bioquímica foi previamente determinada, com alguns cliques do mouse e um programa de computador (software) é construído, de acordo com as exigências, um suposto material genético. Esse suposto material genético é muito mais longo e, teoricamente completo, de um vírus antigo ou novo. Na verdade, essas manipulações, chamadas *alignement* (procedimento de alinhamento), não resultam em um material genético “completo” de um vírus, que é chamado de genoma. Durante o processo de construção conceitual da “cadeia de material genético viral”, as sequências que não se encaixam são “limadas” e as que faltam são completadas. Desse modo inventa-se uma “sequência de material hereditário” que não existe, nem é encontrada como um todo, nem foi verificada.

Em resumo, a partir de pequenos pedaços, previamente ordenados dentro de um modelo de cadeia de material genético viral, se constrói conceitualmente um pedaço maior que não existe de

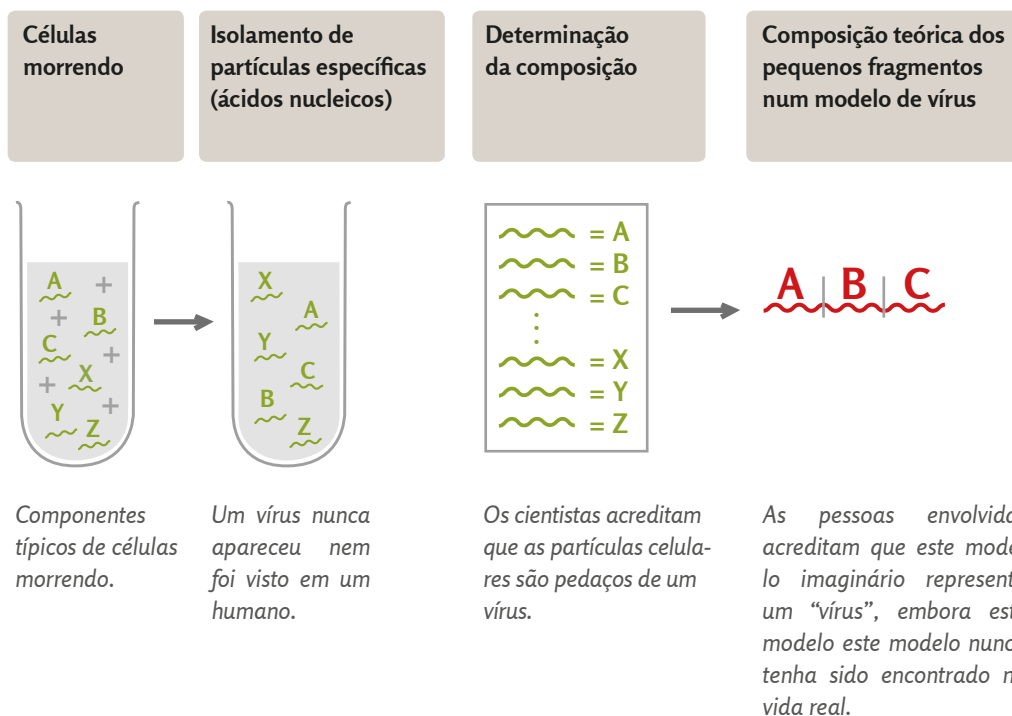
fato. Por exemplo, na construção “mental” da cadeia de material genético do vírus do sarampo, metade das sequências moleculares que deveriam representar um vírus estão faltando nos fragmentos de moléculas celulares estudadas. Estas são geradas bioquimicamente de forma artificial ou diretamente são livremente inventadas.<sup>3</sup>

Aqueles cientistas chineses que de maneira definitiva alegam que por meio de certos ácidos nucléicos, provenientes em sua maioria de serpentes venenosas, puderam construir o genoma do novo vírus corona 2019 da China<sup>4</sup> são vítimas, como todos nós, de um desenvolvimento equivocado em uma escala global. Quanto mais cadeias de material genético “viral” forem inventadas, mais semelhanças irão “coincidir” com tudo que existe. Mas esse erro tem uma explicação. Grande parte da ciência acadêmica funciona assim: uma teoria é inventada, algo se move dentro dessa teoria, é denominado ciência e se pressupõe que essa ação refletiria a realidade. A realidade é que apenas aquela suposição original é refletida.<sup>5</sup>



**Diagrama 2:**

Como uma sequência genética viral é hipoteticamente construída a partir de típicas moléculas celulares e como foi provada durante o processo judicial do vírus do sarampo de que “vírus” são apenas modelos artificiais imaginários.

**Os testes dos vírus**

Na ausência de testes de controle, os envolvidos ainda não perceberam, até hoje, que os testes de detecção de “vírus” sempre detectam um determinado número de pessoas como “positivo” dependendo de como foi configurado o procedimento do teste ou da prova. Para a comprovação do suposto vírus, se utiliza um gabarito que não provém propriamente de nenhum “vírus”, mas dos tecidos, células e soro (sangue sem componentes sólidos) fetal com os que foram trabalhados, provenientes principalmente de animais como macacos e vacas. Dado que esses animais e as pessoas são bioquimicamente muito semelhantes, é claro que seus componentes – erroneamente interpretados como “vírus” – serão detectados em todas as pessoas pelo procedimento do teste do vírus. Alguns “vírus” e suas respectivas vacinas (mas não o vírus do sarampo) se originam de fetos humanos abortados. É claro que, por um lado, os testes detectam unicamente moléculas presentes em qualquer ser humano e, por outro lado, que as vacinas podem desencadear reações alérgicas muito perigosas definidas como “doenças autoimunes”.

O uso de soro fetal, considerado tecido líquido, retarda enormemente a morte das células e dos tecidos em estudo, a ponto de, sem seu uso, as experiências dificilmente poderiam ser realizadas. Apenas o uso de soro fetal é útil para os cientistas: nem o soro de seres vivos adultos nem qualquer outro produto sintético é equivalente. Este soro fetal não só está alta-

mente contaminado, mas também é obtido da maneira mais cruel possível de animais e suas mães sem qualquer anestesia. Contém todos os tipos de micróbios conhecidos e imagináveis, seus esporos e uma quantidade desconhecida de proteínas. Desse soro fetal são obtidos – assim como de tecidos de rins de macacos – os componentes que conceitualmente constituem o modelo do vírus, que na realidade não existe, e que toda a literatura “científica” nunca foi capaz de demonstrar como um “vírus” completo.

Essas substâncias são as bases das vacinas, o que torna compreensível porquê, especialmente as pessoas vacinadas, têm maior probabilidade de serem “positivas” em todos os “testes” de vírus que são submetidas. Os testes só comprovam a presença dos componentes animais dos supostos “vírus”, como proteínas animais e ácidos nucleicos, que frequentemente são idênticos ou semelhantes às proteínas e ácidos nucleicos presentes em humanos. Os testes virais, portanto, não comprovam nada específico e em nenhum caso a presença de um “vírus”, de forma que esses testes não têm nenhuma validade. Eles servem apenas, como no caso do Ebola, HIV, gripe e outros, para causar um choque no paciente, que por si só pode levar à morte, ou a um tratamento incorreto mais ou menos perigoso ou mortal.

Vale ressaltar aqui que todos os testes de detecção de um vírus nunca dizem “sim” ou “não”, mas são configurados de maneira que somente após uma determinada concentração uma amostra seja avaliada como “positiva”. ►

Desta forma, muitas, poucas ou nenhuma pessoa ou animal podem arbitrariamente resultar positivo em função de como o teste foi configurado. A dimensão desta ilusão científica fica clara assim que os sintomas “normais” são descritos como AIDS, BSE (doença da Vaca Louca), gripe, SARS (síndrome respiratória aguda grave), sarampo e etc. exclusivamente quando é apresentado um resultado “positivo” de um teste.

### Detalhes determinantes

Até 1952, os virologistas acreditavam que um vírus era uma proteína ou uma enzima tóxica, que era diretamente venenosa e que de alguma maneira se multiplicava dentro do corpo humano e se espalhava entre humanos e animais. A medicina e a ciência descartaram essa ideia em 1951, já que os supostos vírus nunca foram visíveis ao microscópio eletrônico e, sobretudo, porque foram realizados testes de controle. Desta forma, se reconheceu que também na decomposição de órgãos e tecidos de animais saudáveis geravam os mesmos resíduos que anteriormente eram classificados como “vírus”. A virologia acabou se contradizendo e se rendeu.<sup>6</sup>

A esposa de Francis Crick, que mais tarde ganhou o Prêmio Nobel, desenhou uma dupla hélice em 1953 e a publicou na famosa revista científica *Nature* como um suposto modelo científico de um material genético, o que gerou um alvoroço e uma expectativa com muitas consequências posteriores e deu origem à chamada genética molecular. De repente as causas das doenças eram buscadas nos genes. A ideia do que era um vírus mudou da noite para o dia: já não era mais uma toxina, mas uma sequência genética perigosa, um material hereditário, uma cadeia perigosa de material genético viral. Foram jovens químicos que fundaram a nova virologia do gene. Esses químicos não tinham ideia de biologia ou medicina, mas tinham recursos ilimitados para pesquisar. Nem eles sabiam que a velha virologia havia se rendido.

Há mais de 2000 anos, Jesus disse: “Perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.” Em 1995, uma vez que fizemos a pergunta da demonstração e publicamos as respostas, podemos acrescentar: e porque eles não podem admitir que o que aprenderam e praticaram não é correto e, mais ainda, que é perigoso para a saúde. Porque até hoje, ninguém teve a mente aberta ou a coragem de dizer a verdade e todos os tipos de conceitos carentes de comprovação científica sobre o “sistema imunológico” ou da “epigenética” para apoiar algumas teorias inventadas e distantes da realidade.

Em 1858, a teoria das células e da doença causada por um veneno (lat. *Virus*) de Virchow foi elevada à categoria de dogma e dela se derivou pela primeira vez, por lógica forçada, a ideia de um vírus indefinido. Posteriormente, surgiu a ideia das bactérias patogênicas, depois a ideia das toxinas bacterianas, seguida da ideia do vírus-toxina, até chegar à renúncia dessa teoria em 1952. Desde 1953, se desenvolveu a ideia do vírus-gene a partir da ideia original de Virchow do veneno causador de doenças, e essa ideia serviu como base para a elaboração da teoria dos genes cancerígenos. A “guerra contra o câncer” se estabeleceu durante a era Nixon e, mais tarde, a ideia do

gene capaz de qualquer coisa. Todas as ideias sobre genes foram completamente contraditas em 2000. Naquele ano, o chamado *Projeto Genoma Humano* foi publicado com dados incoerentes com a ridícula afirmação de que todo o genoma humano havia sido decifrado, embora mais da metade tivesse sido inventado.<sup>7</sup> Até hoje, a população desconhece que os acadêmicos envolvidos dificilmente irão reconhecer parte de sua culpa nestes desenvolvimentos errôneos de tamanha repercussão.

### Os supostos bacteriófagos

O que se conhece como bacteriófagos ou fagos foram o modelo para a ideia, desenvolvida em 1953, do vírus-gene no corpo humano, animais e plantas. Sua existência é conhecida desde 1915, mas foi somente com a introdução do microscópio eletrônico em 1938 que esses fagos puderam ser fotografados, completamente isolados como partículas, e todos os seus componentes determinados e bioquimicamente caracterizados de uma só vez. O isolamento, que consiste em concentrar as partículas e separá-las de todos os outros componentes (= isolamento) para posteriormente fotografá-las no referido isolamento e caracterizar as referidas partículas quimicamente isoladas, nunca foi realizado com os supostos vírus que afetam os homens, animais e plantas, pelo simples fato de não existirem.

Os pesquisadores de bactérias e fagos, que, por outro lado, trabalham com estruturas reais, são os que contribuem com o modelo de como poderiam ser vistos os vírus que afetam as pessoas, plantas e animais. Esses “especialistas em fagos” desconsideraram, na caracterização destes fagos como devoradores de bactérias, que o fenômeno de criação destas partículas nada mais é que um efeito extremo da cultura de bactérias de forma endogâmica em laboratório. Este efeito, a formação e liberação de fagos (devoradores de bactérias, também conhecidos como vírus das bactérias), não é encontrado em bactérias autênticas recentemente obtidas de organismos ou do meio ambiente. As bactérias não cultivadas se transformam nas chamadas formas de sobrevivência, esporos, quando essas bactérias são lentamente retiradas das soluções nutritivas ou as condições de vida se tornam impossíveis. Essa forma de esporo permite que sobrevivam por um longo tempo ou até o “infinito”, de modo que, uma vez que voltem as condições necessárias de sobrevivência desses esporos, voltarão a surgir automaticamente novas bactérias.

No entanto, se essas bactérias forem isoladas para logo serem multiplicadas continuamente, perdem pouco a pouco todas as suas qualidades e capacidades. Muitas delas morrem durante o processo de cultivo endogâmico, mas não automaticamente. Mas se transformam abruptamente em pequenas partículas que, dentro da concepção da teoria do bem e do mal, são interpretadas erroneamente como bacteriófagos. Na realidade, essas bactérias estão constituídas de “fagos” e se reconvertem nessas formas de vida quando as condições de sobrevivência não são as ideias. Günther Enderlein (1872-1968) descreveu esse processo de geração de bactérias a partir de estruturas invisíveis, bem como sua evolução para formas mais complexas e seu retorno ao estágio anterior. ►



Com base nessas razões, ele rejeitou a teoria celular segundo a qual a vida origina das células e está celularmente organizada.<sup>8</sup> Eu mesmo, quando jovem estudante, isolei um desses “fagos” encontrado em uma alga marinha e naquele momento pensei ter descoberto o primeiro vírus “inofensivo”, o primeiro “sistema de vírus-hospedeiro”.<sup>9</sup>

A concepção de que as bactérias são organismos que podem viver autonomamente sem outros seres vivos não é correta. Isolados, eles morrem automaticamente depois de um tempo. Os envolvidos não se deram conta que, após o “isolamento” bem-sucedido de uma bactéria, uma parte da amostra é congelada e se trabalha com ela durante décadas. O conceito de bactéria, a ideia de que pode ser um organismo vivo autônomo, é um artefato de laboratório, é um erro de interpretação.

A suposição resultante de que as bactérias não morrem também é incorreta. Imortais são as bactérias apenas quando estão em simbiose com muitas outras bactérias, fungos e, possivelmente, com muitas outras formas de vida desconhecidas, ou difíceis de caracterizar, como as amebas. As amebas, bactérias e fungos criam esporos assim que as condições de vida deixam de ser as ideais e despertam assim que essas condições voltam a um nível ideal. Se compararmos ao ser humano chegamos à mesma conclusão: sem um ambiente vivo, do qual, e com o qual se possa viver, nada pode existir.

Isso vai além. Não só a referida concepção cai sob seu próprio peso, mas também a ideia e a suposição do fato aparentemente provado de uma matéria morta. As observações e suposições de uma “matéria ativa” (como os físicos denominam) e animada é rejeitada como vitalismo anticientífico. No entanto, há indícios de que todos os elementos, aos quais a “opinião predominante” da “ciência” não confere nenhuma força vital, se desenvolvem da substância original da vida<sup>10</sup>: a substância da membrana da água. Os ácidos nucléicos se originam dos elementos e, ao redor deles, a vida biológica em forma de amebas, bactérias, tardígrados (ursos d’água) e outras formas cada vez mais complexas. Existem dois conhecimentos que fundamentam esse enfoque. O primeiro deles pode ser visto em si mesmo e em outros, especificamente que a vida biológica na forma do nosso corpo é uma materialização de unidades de consciência.

As interações e mudanças específicas de nossos órgãos e psique, causadas por choques de informação, como por exemplo uma palavra nociva ou libertadora, são compreensíveis e corroboráveis em nós mesmos e nos outros e permitem uma certa previsibilidade. Com isso, cumprem-se os três critérios da caracterização científica.<sup>11</sup> Esses conhecimentos e o conhecimento das inter-relações nos libertam da mentalidade dualista de bem e mal, repleta de medo e dos consequentes padrões de comportamento. Com essa compreensão esclarecedoras, os fenômenos da doença, cura, crises nos processos de cura, bloqueios em tais curas e os fenômenos da sucessão de doenças, também conhecidos como contágios na velha maneira de pensar, são agora explicados. Vírus, é hora de você ir.<sup>12</sup>

O pesadelo dos cientistas materialistas parece ter se tornado realidade: a matéria, aparentemente inanimada, é matéria animada e vital. O vitalismo, segundo o qual há uma força vital inerente a

tudo, foi combatido pelos filósofos gregos pós-socráticos Demócrito e Epicúrio e pelo Iluminismo que neles foi expressamente referido e legitimado. A fundamentação explícita era evitar que o abuso da fé ocorrido ao longo da história se repetisse. Até aqui, tudo bem. No entanto, os iluministas ignoraram que, ao negar e depreciar como não quantificável a consciência, o espírito e as suas áreas de efeito, eles mesmos, sem querer, se transformaram em destruidores da vida e inimigos mortais do homem. Eles adaptaram em sua concepção materialista do mundo, ponto a ponto, todas as interpretações históricas do dualismo do bem e do mal, característico de filósofos, religiões e teóricos do estado.

Essas interpretações do bem e do mal, descobertas e descritas por Silvio Gesell<sup>13</sup> (no campo da medicina) e por Iván Illich<sup>14</sup> (em geral), aumentam constantemente<sup>15</sup> por motivos de benefício econômico, com consequências fatais. Nosso sistema monetário, com sua imposição inerente do crescimento constante, gera crises cíclicas e traz vencedores cada vez mais poderosos e, simultaneamente, a pobreza e a miséria crescentes. Os envolvidos, que desconhecem os mecanismos teimosos e matemáticos do sistema monetário, interpretam isso como a existência de um princípio independente de maldade. As pessoas eticamente puras do lado dos vencedores entendem seus ganhos inevitavelmente gerados como graça ou elevação divina. Esta não foi apenas a base do maniqueísmo (Manes = fundador da religião, seus seguidores = maniqueístas), mas também foi e é a força motriz dos aspectos perigosos e das repercussões da industrialização, como já detectaram Max Weber e outros.

### A ressurreição da virologia abandonada em 1951/1952 pelo ganhador do Prêmio Nobel John Franklin Enders

O contexto mais amplo do desenvolvimento errôneo da biologia e da medicina, o dogma infundado da chamada teoria celular segundo a qual o corpo se desenvolve a partir de células e não de tecidos, já foi abordado em diferentes publicações da revista WissenschaftPlus desde 2014. Em 1958 foi inventada livremente a teoria celular da vida, a “patologia celular”, base exclusiva até hoje da biologia e da medicina. Ela alega que todas as doenças vêm de uma célula que se degenera criando um veneno, *virus* em latim, que lhe deixa doente. Dois pontos fundamentais foram condição indispensável e base da aceitação global atual da patologia celular, sobre a qual se desenvolveram necessariamente as teorias da infecção, do câncer, dos genes e do sistema imunológico:

a. A teoria celular só pôde se impor graças ao fato de que Rudolf Virchow ocultou conhecimentos cruciais sobre os tecidos. Os conhecimentos já existentes em 1858 sobre a constituição, função e importância central dos tecidos no desenvolvimento e visibilidade da vida refutavam fundamentalmente a teoria da célula e as teorias dela derivadas do câncer, dos genes e da imunidade.<sup>16</sup>

b. As teorias da infecção só puderam se estabelecer como um dogma global graças às políticas concretas e à eugenia do Terceiro Reich. Antes de 1933, certos cientistas ousavam contradizer essas teorias; depois de 1933, esses cientistas críticos foram deixados de lado.<sup>17</sup> Cabe mencionar que tanto os ►

especialistas de um lado como do outro estavam, em sua maioria, na Alemanha naquela época.

Para trabalhar com “vírus” e poder realizar testes aparentes de infecção os “primeiros” virologistas, antes da renúncia da virologia em 1952, foram forçados a liquefazer e filtrar os tecidos “doentes” e decompostos. Acreditava-se que o filtrado concentrado continha o veneno da doença, uma toxina, que era constantemente produzida pelas células doentes. Até 1952, um “vírus” era um veneno patogênico em forma de uma proteína que, como uma enzima, de forma desconhecida causava um dano que levava a uma doença e que podia se espalhar. A ideia de um vírus depois de 1953, ano da publicação da suposta substância genética em forma de hélice alfa, era uma substância genética perniciosa envolta em uma capa de proteína. Entre 1952 e 1954, houve uma mudança de paradigma de como um vírus deve ser imaginado.

Com os líquidos filtrados dos órgãos ou fluidos decompostos, que supostamente continham as ditas proteínas e enzima que representava o vírus, foram realizados “experimentos de infecção” com animais. Os resultados deveriam mostrar que havia um vírus presente e que causava a doença a ele atribuída. O que nunca foi mencionado publicamente é que os sintomas atribuídos ao vírus nunca puderam ser replicados em experimentos com animais, conseguiram apenas sintomas “semelhantes”. Esses sintomas semelhantes em animais foram comparados às doenças humanas. Isto não pode ser considerada como uma comprovação científica, pelo contrário.

Ainda hoje faltam testes de controle nos “experimentos de infecção, ou seja, a constatação de que os sintomas provocados sejam causados por um vírus e não pela “manipulação” das amostras durante o chamado “experimento de infecção”. Com o objetivo de descartar que não foram os fluidos dos tecidos decompostos que causaram os sintomas nos testes com animais, o mesmo procedimento deveria ser feito, mas com outros fluidos estéreis, para comparar. Isso, no entanto, nunca aconteceu. Até hoje experimentos cruéis são realizados com animais durante os quais – como, por exemplo, para demonstrar a transmissibilidade do sarampo – um macaco é imobilizado e depilado em uma câmara de descompressão e é introduzido no animal um suposto líquido infectado por uma sonda através do nariz para a traqueia e pulmões. Os mesmos danos no animal seriam causados pelo uso de uma solução de sal de cozinha, de sangue esterilizado, pus ou saliva. Os sintomas provocados, que são apenas “semelhantes” aos do sarampo, também são equiparados aos do sarampo.

Os fluidos supostamente infectados passam por um filtro impermeável a bactérias e/ou ligeiramente aquecidos. Dessa forma, os cientistas deduzem que o sofrimento e a morte dos animais nos experimentos de infecção não serão provocados por bactérias, mas sim por patógenos menores, os vírus. Os envolvidos ignoram fatos previamente conhecidos, como que há um número extremamente maior de bactérias desconhecidas do que conhecidas, que muitas delas são resistentes ao calor e que seus esporos não podem ser filtrados. Aqui também é importante mencionar que da mesma forma não há indícios de que as bactérias causem doenças. Frequentemente participam

de processos de doença como fazem os bombeiros para apagar um incêndio. Não são os causadores, mas parte dos processos de reparação com pleno sentido biológico. Como prova aparente do suposto papel negativo das bactérias, temos apenas – como no caso dos vírus – experimentos extremamente cruéis e sem sentido com animais e que sofrem do mesmo problema: a falta de testes de controle.

## Enders e a Poliomielite

Até o ano de 1949, os virologistas reproduziam as supostas proteínas-vírus colocando um fragmento de material decomposto de um “tecido infectado” pelo vírus sobre uma lâmina de tecido “saudável” do mesmo tipo. A disseminação da decomposição, que era visível e passava do tecido “doente” para o saudável, foi erroneamente interpretada como multiplicação e disseminação do vírus, do veneno patogênico. Testes de controle, realizados pela primeira vez em 1951 pelos virologistas da época, constataram que se tratava de processos normais de decomposição e não de um vírus presente apenas em tecidos “doentes”.

Enders “descobriu” por acaso em 1949 – em uma época em que não se era possível dispor de tecido nervoso fresco e “saudável” – que também outros tecidos distintos aos nervosos também eram vistos afetados pela decomposição ao entrarem em contato com fragmentos cerebrais de uma pessoa morta por “poliomielite”. Até então, os virologistas acreditavam que cada vírus poderia se reproduzir unicamente nos tecidos que poderia causar danos. Pela suposta “descoberta” de que os “vírus” podem se multiplicar em outros tecidos dentro do corpo humano sem danificá-los, Enders e seus colaboradores receberam em 10 de junho de 1954 o Prêmio Nobel de Medicina.

Desde então, o chamado “vírus da poliomielite” foi reproduzido misturando pele humana de um feto e tecido muscular de um feto com fragmentos do cérebro de pessoas mortas por poliomielite e levando a mistura à decomposição. O filtrado resultante foi considerado que continha o vírus. O famoso Jonas Salk aproveitou essa ideia sem mencionar seus descobridores. O filtrado de pele e músculo de feto humano foi usada por Salk como uma vacina contra a poliomielite e declarou ao New York Times que a vacina era eficaz e segura, o que gerou a Salk ganhos de milhões de dólares graças à vacina contra a poliomielite. Claro, não implicou, aos descobridores desta ideia, de utilizar tecidos de fetos humanos decompostos.<sup>18</sup>

Por essas razões, Enders trabalhou sobre grande pressão para desenvolver uma nova técnica pela qual pudesse reivindicar seus direitos desde o início. Ele decidiu se apoiar na segunda área mais lucrativa da teoria da infecção: os sintomas definidos como sarampo. Assim, Enders transferiu a ideia e os métodos da bacteriologia e acreditou que os fagos eram os vírus das bactérias.

Análogo à já conhecida técnica de demonstrar a ação bactericida de adicionar fagos a uma cultura bacteriana (placa de Petri com uma gelatina que contém bactérias e alimento para elas), Enders desenvolveu uma para os vírus em que, ►



em um esfregaço de tecido, foram adicionados fluidos supostamente infectados. De maneira análoga à morte de bactérias por fagos, a morte do esfregaço de tecido com a presença do suposto vírus do sarampo foi equiparada à prova de sua existência, do seu isolamento e da sua reprodução.<sup>19</sup> Exatamente esse mesmo protocolo é o que hoje se usa para o sarampo e, com pequenas alterações, para a “comprovação” do resto de vírus causador de doenças. A mistura de tecidos e células mortas é classificada como vacina “viva atenuada”. No entanto, se os cientistas isolarem apenas proteínas individuais do vírus, eles presumem que o vírus “morreu”, e se utilizam esses componentes para as vacinas, então falamos de uma vacina inativada ou morta.

Em comparação com outras vacinas, Enders associou um notório alto número de mortes e afetados pela vacinação de poliomielite de Salk à contaminação da vacina com outros vírus humanos desconhecidos; um argumento ao qual, por outro lado, os conspiradores do “bem e do mal” se agarram sem fundamento com suas suposições sobre os vírus criados em laboratórios e as armas biológicas. Enders, portanto, trabalhou com tecidos de rins de macacos e de soro fetal (sangue sem componentes sólidos) de cavalos e bezerras, e não de humanos.

Existem quatro diferenças determinantes que distinguem a comprovação dos fagos das bactérias, que realmente existem, da comprovação, segundo Enders, dos supostos “vírus” de humanos e animais. Essas diferenças tornam ainda mais evidentes os erros das hipóteses de Enders; que devido ao seu Prêmio Nobel – e apesar de suas dúvidas claramente formuladas – conduziu toda a comunidade científica, e com ela o mundo inteiro (basta ver o pânico do coronavírus) a uma armadilha ... com exceção de uma bonita e inabalável Aldeia da Suábia nas margens do Lago Constança:

1. Os fagos das bactérias são realmente isolados, e no sentido pleno da palavra “isolamento”, com métodos padrão (centrifugação por gradiente de concentração). Logo após o isolamento, são fotografados ao microscópio eletrônico; em uma etapa, tanto sua pureza quanto a composição bioquímica de seus componentes são determinadas: as proteínas e o material hereditário contido.
2. No caso de todos os “vírus” de humanos, animais ou plantas, um vírus nunca foi isolado. Nem mesmo foi fotografado isoladamente e seus componentes não foram representados bioquimicamente. O que aconteceu foi um processo de construção de um consenso que, ao longo de anos, foi identificando componentes individuais de células mortas e foram atribuído conceitualmente a um modelo de vírus. Nesse processo de interpretação estavam os fagos, que serviram como modelos para os primeiros “vírus” desenhados.
3. Os tecidos e células utilizados para a “comprovação e reprodução” dos “vírus” são previamente tratados de maneira muito específica antes de serem expostos à “infecção”. Primeiro 80% da solução nutritiva é retirada para deixar as células com fome e absorverem melhor os vírus. A amostra é exposta a antibióticos para descartar que as bactérias – sempre presentes nos tecidos e no soro – sejam a causa da morte dos tecidos. Desde

1972, a Bioquímica reconheceu que os antibióticos usados já danificam e matam as células por si só, sem que os virologistas levassem em consideração esse fato. Os fatores de “fome” e “envenenamento”, que evidentemente causam a morte das células, são erroneamente interpretados como provas da presença, isolamento, efeito e multiplicação dos supostos vírus.

4. Nunca foram realizados os testes de controle obrigatoriamente exigidos pela ciência, com os quais se poderia excluir que em vez de um vírus o que há são apenas componentes típicos de células erroneamente interpretadas como vírus. Estes testes de controle foram realizados no caso dos fagos com sua correspondente comprovação, isolamento e caracterização tanto bioquímica quanto por meio de microscopia eletrônica.

As especulações de Enders de 1º de junho de 1954<sup>20</sup> sobre a possível comprovação de um “agente” que “eventualmente pudesse” ter um papel no sarampo foram elevadas à categoria de “fato científico” após ganhar o Prêmio Nobel por sua “vacina da poliomielite”, feita com fetos humanos. Além disso, tais especulações acabaram sendo a base fundamental para a nova biologia genética a partir de 1952. Alguns meses após ganhar o Prêmio, ele esqueceu e escondeu suas dúvidas expostas na publicação de 1954. Ele supôs – incomodado pelo roubo da ideia da vacina da poliomielite por Jonas Salk – que todos os desenvolvimentos futuros relativos a uma vacina contra o sarampo seriam baseados em sua técnica.

Enders, no processo de matar suas culturas de tecidos de forma involuntária (sem testes de controle – que desempenha um papel principal na defesa frente à imposição da vacina do sarampo! – acrescentou um esfregaço de um jovem de 11 anos, supostamente doente de sarampo, chamado David Edmonston à sua mostra de tecido, o que deu ao modelo original do vírus do sarampo, assim como à vacina, o nome de “cepa Edmonston”. Cabe aqui mencionar que os sintomas atribuídos a uma determinada doença mudam ao longo do tempo e naquela época a doença do jovem foi identificada como “sarampo”. Ainda hoje uma doença pode ter distintas definições de acordo com o país. Como já mencionamos, a morte do tecido da amostra foi conceitualmente englobada dentro de um modelo de vírus. Uma parte da mistura de tecido involuntariamente morto de um macaco e de soro fetal de bezerro é congelada para, por meio de uma sucessiva inoculação de tecidos mortos, fabricar novamente o “vírus do sarampo” e “vacinas vivas atenuadas” do mesmo. Ou seja, a cultura celular original que deu origem ao “vírus” e à “vacina” é renovada progressivamente.

### La importancia de la victoria en el proceso judicial del virus del sarampión

A importância da vitória no processo judicial do vírus do sarampo

Os pontos decisivos do processo judicial do vírus do sarampo (2012 – 2017), com laudos periciais, protocolos e sentenças a que me referirei a seguir, podem ser consultados gratuitamente na internet em [www.wissenschaftplus.de/blog/de](http://www.wissenschaftplus.de/blog/de). Outras perícias e contestações sobre as suposições do vírus do sarampo, que o júri não levou em consideração, ►

podem ser encontradas publicadas entre 2014 e 2017 em várias edições da revista WissenschaftPlus.

O pano de fundo do processo judicial do vírus do sarampo que começou em 2011 foi, nada mais nada menos, a proteção da obrigatoriedade da vacinação contra o sarampo. Uma ex-ministra da Justiça Federal me chamou e me perguntou sobre as provas atuais para evitar a imposição da vacinação obrigatória contra o sarampo. Um promotor superior nos aconselhou a organizar um concurso para estabelecer, no julgamento resultante, um precedente judicial no direito civil que estabeleceria não haver evidências científicas para as suposições sobre a existência do vírus do sarampo, nem a suposta segurança e eficácia de uma vacina contra o mesmo. Isso funcionou perfeitamente e pode ser entendido se soubermos que a publicação de John Franklin Enders de 1º de junho de 1954 tornou-se a única e exclusiva base para toda a nova virologia do gene; ou seja, na base da produção de vacinas com “vírus vivos”, depois que a velha virologia se autodissolveu em 1951-1952.

Como eu sabia que o *Instituto Robert Koch* (IRK), contrariando sua obrigação legal, não havia publicado sequer um documento sobre a suposta existência do vírus do sarampo. Exigi, para a obtenção de um prêmio de 100.000 euros, a apresentação de uma publicação científica do IRK que incluísse uma argumentação científica detalhada que evidenciasse a existência do vírus do sarampo. Um jovem médico de Sarre (um estado alemão) me apresentou seis publicações, nenhuma delas do IRK: a publicação original de Enders de 1º de junho de 1954 e outras cinco que se referem exclusivamente a Enders, entre elas a única revisão sistemática do estudo do vírus do sarampo. Neste trabalho se descreve com detalhes a árdua busca de um consenso, que durou décadas para determinar quais componentes de tecidos inviáveis deviam ser incluídos no modelo do vírus do sarampo e quais não deveriam. Além disso, descreve como o modelo do vírus do sarampo foi constantemente modificado.

Eu respondi ao jovem médico que, nas publicações apresentadas, não se viam estruturas virais, mas sim componentes e estruturas típicas de células. Ele, por sua vez, exigiu que lhe pagasse o valor total do prêmio para evitar uma árdua (como acabou sendo) “disputa judicial”. Ele então abriu um processo ante o Juizado da província de Ravensburg sem submeter as seis publicações. O júri decidiu contra mim, sem sequer ter as seis publicações em mãos nem incluído na ata. Além disso, a condenação imposta pelo juizado provincial de Ravensburg ocorreu em condições incomuns.<sup>21</sup> O demandante, no julgamento de recurso ante o Tribunal Superior de Justiça de Stuttgart, reconheceu perante ao juiz que não tinha lido as seis publicações. Ele, portanto, confiou exclusivamente na “árdua disputa legal” como a única via para me derrotar e, assim, derrotar a contestação central do conceito de vacinação. Provavelmente ele mesmo foi vítima da crença equivocada dos vírus ao confiar em seus colegas, os mesmos que também não perceberam o desenvolvimento errôneo da medicina desde 1858. Não querendo comprovar e nem mesmo colocar em dúvida duas hipóteses, ele nos fez tanto agressores quanto vítimas da crença nas teorias da infecção e na confiança nas vacinas.

É possível que o demandante, que apresentou a mim as publicações, mas não ao júri, nunca tenha lido os textos. No mínimo não

os procurou, pois são exatamente as únicas publicações, entre os mais de 30 mil artigos científicos que tratam o “sarampo”, que remetem à hipótese de que o sarampo existe. Todos os outros, cuja quantidade é impossível para uma única pessoa tratar, partem “a priori” do fato de que o vírus do sarampo existe e se limitam a referir “à consulta da consulta” sem abordar a questão da existência diretamente. Concluindo, tudo remonta à aparente “demonstração” realizada por Enders em 1º de junho de 1954.

O júri do tribunal distrital de Ravensburg decidiu em 2014 processar a ação movida pelo então médico e concluiu que, para o pagamento do prêmio, não era necessário a apresentação de publicações do Instituto Robert Koch. Concluiu também que não era necessário que a verificação da existência do vírus fosse apresentada em uma única publicação, mas que a exigência de comprovação do concurso poderia ser atendida com a soma de 3366 publicações (a soma das publicações citadas nos 6 artigos apresentados como evidência) dos anos de 1954 a 2007.

O perito selecionado pelo júri, o Prof. Dr. Podbielski de Rostock, argumentou em conformidade (ou o júri provincial ajustou sua decisão de abertura ao parecer do perito): “Tenho de esclarecer quanto à terminologia, que as verificações no sentido clássico como em matemática e física não podem ser feitas em biologia. Em biologia só é possível coletar evidências com antecedência, que em algum momento podem, como um todo, atingir valor probatório”.<sup>22</sup>

Devido a esta suposição extremamente anticientífica, resultado da falta de evidência de Podbielski e seu preconceito causado por discrepâncias entre a realidade e suas crenças pré-concebidas, aconteceu algo que os pesquisadores do comportamento definem como conduta de deslocamento. Podbielski inventou, em desespero, uma desculpa para escapar, a saber que a biologia e os medicamento nela baseados, a vacinação e etc. são per se anticientíficas e carecem de comprovação possível: apenas uma coleção de pistas pode “em algum momento” e “de alguma maneira” (=prática) atingir valor probatório. Essa confissão sobre a pouca praticidade da biologia e da medicina atuais, nunca foi expressão de maneira tão clara.

O mais importante agora mesmo é fazer uso efetivo, por exemplo por via legal, destas e outras evidências sobre a falta de rigor científico sobre a teoria da infecção e das políticas de vacinação, que já pressupõem uma agressão aos nossos direitos fundamentais. Desde 13 de fevereiro de 2020 a vacinação obrigatória do sarampo foi legalmente estabelecida na Alemanha e em 1º de março de 2020 essa imposição entrou em vigor. Esta imposição deve desaparecer. Podem encontrar mais informações a respeito em nossa Newsletter.

#### Continuación de este artículo sobre:

1. La obligación de la ciencia a realizar pruebas de control. En contra de la declaración judicial protocolizada del profesor Podbielski y de sus suposiciones, ni la publicación central presentada como prueba de la existencia del virus, ni las publicaciones subsiguientes, contienen pruebas de control.<sup>23</sup> ►

2. La importancia central del veredicto judicialmente vinculante del tribunal superior de justicia de Stuttgart del 16 de febrero de 2016, número de expediente 12 U 63/15, para la totalidad de la virología y de la vacunación.<sup>24</sup>

3. Reportes y recomendaciones que ya se han llevado a cabo para “revertir” la obligatoriedad de la vacunación del sarampión serán expuestos en la próxima edición Nr. 2/2020 de *WissenschaftPlus*.

#### Continuação deste artigo sobre:

1. A obrigação da ciência de realizar testes de controle. Ao contrário da declaração judicial protocolada do professor Podbielski e de suas suposições, nem a publicação central apresentada como prova da existência do vírus, nem as publicações subsequentes, contém a testes de controle.<sup>23</sup>

#### Lista de fontes

<sup>1</sup> O Prêmio Nobel é por muitos motivos o mais vergonhoso que pode acontecer a um cientista e à sociedade:

1. todos os conhecimentos se baseiam na “opinião predominante” do mundo acadêmico com sua pretensão de exclusividade.

2. Quase todo o conhecimento até hoje acabou por ser falso em um período de tempo de uns poucos anos até umas décadas. Os prêmios Nobel impedem o avanço do conhecimento científico na medida em que dogmatizam suposições.

3. Somente um pequeno número de pessoas extremamente elitistas, distantes da realidade, decidem o que é e o que não é ciência. Estas pessoas definem as modas “científicas” e seus métodos e reprimem qualquer outro conhecimento que lhes contradiga. Via “Peer – Review”, quer dizer, mediante à revisão das publicações científicas antes da sua publicação, descartam de serem publicados achados ou resultados indesejáveis que contrariam os próprios dogmas e visões. Sobre isso podem ver a reportagem sobre o prêmio Nobel da edição da revista *WissenschaftPlus* Nr. 1/2017, inclusive uma escultura, que acerta no alvo da problemática e que diz muito mais que qualquer palavra.

<sup>2</sup> A associação Libertas&Sanitas, em seus esforços para evitar a obrigatoriedade da vacinação, publicou informação muito completa sobre o conhecimento disponível dos trabalhadores responsáveis das autoridades de saúde. Com isso se demonstrou que na Alemanha não há dados disponíveis que podem concluir que as vacinas protegem ou que não levam a nenhum risco. Além disso; na Alemanha não coletam dados que provem a hipóteses de uma expansão do sarampo ou de um freio na dita expansão, segundo as definições da OMS. Ver: [www.libertas-sanitas.de](http://www.libertas-sanitas.de), assim como o acesso recomendável “Verstand&Logik im Gespräch mit Priorix (Masern-Mumps-Röteln-Lebendimpfstoff) [2020]“ no Youtube.

<sup>3</sup> Aquele que domine o inglês pode ler a seguinte publicação e reconhecer diretamente o fato de que a “cadeia de material ge-

2. A importância central do veredito judicialmente vinculativo do Supremo Tribunal de Justiça de Stuttgart de 16 de fevereiro de 2016, processo número 12 U 63/15, para a totalidade da virologia e vacinação.<sup>24</sup>

3. Os relatórios e recomendações já realizados para “reverter” a vacinação obrigatória contra o sarampo serão apresentados na próxima edição Nr. 2/2020 da *WissenschaftPlus*.

nético de um vírus” (complete genoma) não é mais do que uma construção mental: “Complete Genome Sequence of a Wild-Type Measles Virus Isolated during the Spring 2013 Epidemic in Germany”, que pode ser encontrado em: <https://edoc.rki.de/handle/176904/187>. A professora Mankertz, co-autora desta publicação e diretora do Instituto Nacional de Referência para o Sarampo, Caxumba e Rubéola do Instituto Robert Koch (IRK) afirmou, quando foi perguntada, que nesse estudo foram realizados testes de controle, de maneira que poderia ser descartado que componentes celulares típicos foram erroneamente interpretados como componentes do vírus. Por outro lado, ela se recusou a entregar a documentação referente a esses testes de controle. Na apelação, a professora Mankertz respondeu que ela não tinha a documentação referente a esses testes de controle e que seus colegas de Munique certamente realizaram e documentaram esses testes. Eu mesmo escrevi a todos os autores e aos seus funcionários de laboratório perguntando sobre esses testes de controle, que desde 1998 são totalmente obrigatórios. Nenhum deles me respondeu. Nem os reitores desses institutos de pesquisa responderam; assim, o procedimento de recurso não deu em nada.

<sup>4</sup> Publicação de 22 de janeiro de 2020: Homologous recombination within the spike glycoprotein of the newly identified coronavirus may boost cross species transmission from snake to human. Autores: Wei Ji, Wei Wang, Xiaofang Zhao, Junjie Zai, Xingguang Li. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/jmv.25682>

<sup>5</sup> Veja *WissenschaftPlus* Nr. 2/2019, pp. 33-36, colaboração: “Eine neue Sichtweise auf das Leben - Teil II.“ (Uma nova concepção da vida – Parte II). Aqui é exposto o mecanismo, facilmente compreensível, segundo o qual cada forma de ciência acadêmica financiada pelo Estado leva automaticamente a um desenvolvimento equivocado. Isto foi evidenciado pelo historiador do direito e sociólogo Eugen Rosenstock-Huessy em 1956 com a, já então, contestada medicina da infecção e o câncer.

<sup>6</sup> *Karlheinz Lüdtke: Zur Geschichte der frühen Virusforschung. Wie sich mit technischen Fortschritten bei der Untersuchung “filtrierbarer” infektiöser Agenzien das Verständnis der Virusnatur entwickelt hatte* 12 WISSENSCHAFTPLUS magazin 01/2020 · Auszug

(Sobre a história da investigação sobre os Vírus. Como o avanço técnico na investigação de agentes infecciosos “filtráveis” desenvolveu a compreensão sobre a natureza dos vírus). Reimpressão Nr. 125 (1999) do Instituto Max Planck para História da Ciência, 89 páginas.

<sup>7</sup> Sobre a contestação de todas as ideias sobre o material genético como plano funcional e de construção da vida, é possível consultar minhas contribuições a respeito na revista WissenschaftPlus. O índice de conteúdos de todas as edições publicadas desde 2003 está disponível na internet. Em especial recomendo a colaboração com “DIE ZEIT” de 12 de junho de 2008 “Erbgut in Auflösung”, grátis na internet. Aqui menciona que o “material genético” se transforma constantemente, portanto, se interpreta erroneamente esta transformação como um gene causador de doenças.

<sup>8</sup> Uma boa visão da obra e do sistema de conhecimento do professor Günter Enderlein pode ser encontrada no trabalho de doutorado da doutora Elke Krämer, (1872–19 Leben und Werk von Prof. Dr. phil. Günther Enderlein 68, publicado em formato de livro em 2012 pela editoria Reichl em St. Goar, Alemanha.

<sup>9</sup> Riesenviren und die Entstehung des Lebens (Vírus gigantes e a aparição da vida). WissenschaftPlus Nr. 1/2014.

<sup>10</sup> “Wasser begreifen, Leben erkennen. Pl-Wasser: Mehr als nur energetisiertes H<sub>2</sub>O”. (Compreender a água, reconhecer a vida. Água Pl: Mais que H<sub>2</sub>O energizado). WissenschaftPlus Nr. 6/2018. Esta contribuição se encontra gratuitamente em nossa página web na [área](#) “Textos importantes”.

<sup>11</sup> Ver a introdução a uma nova concepção da vida nas publicações Nr. 1, 2 e 3/2019 de WissenschaftPlus.

<sup>12</sup> Exposição detalhada do processo judicial do vírus do sarampo: go Virus go. Der Bundesgerichtshof lässt den Glauben an Viren untergehen. (go virus go. O Supremo Tribunal Federal alemão deixa entrar em colapso a crença sobre os vírus.) WissenschaftPlus Nr. 2/2017. Também é possível encontrar gratuitamente em [www.wissenschaftplus.de](http://www.wissenschaftplus.de)

<sup>13</sup> Como introdução aos achados de Silvio Gesell e as propostas de solução para escapar dos mecanismos destrutivos próprios do sistema monetário, podem ler o livro de Hermann Benjes Wer hat Angst vor Silvio Gesell, 292 Seiten (Quem tem medo de Silvio Gesell. 292 páginas).

<sup>14</sup> Ivan Illich. Die Nemesis der Medizin: Die Kritik der Medikalisierung des Lebens. 319 Seiten, 1976 und 1995. (Ivan Illich. A nêmesis da medicina: a crítica da medicalização da vida. 319 páginas, 1976 e 1995).

<sup>15</sup> Em seu livro Can Medicine be cured? The corruption of a profession, o famoso gastroenterologista irlandês Seamus O’Mahony versa com Ivan Illich. Illich fundamenta seu diagnóstico da perversão da medicina “apenas” na própria dinâmica resultante da obrigação do benefício econômico, dinâmica exacerbada pela indústria farmacêutica. O’Mahony em contrapartida culpa a indústria farmacêutica da corrupção de sua profissão e conclui que a medicina não tem cura.

Por seus próprios meios a medicina não sairia nunca da sua perversão mortal e apenas uma catástrofe humanitária ou uma guerra poderiam forçar um recomeço. Dessa forma ele passa sobre o desenvolvimento equivocado cimentado em 1858 por Virchow: a equivocada teoria, não justificada nem naquela época com provas, da patologia celular como ponto de partida das errôneas e perigosas teorias do sistema imunológico, da infecção e do câncer. Na página 262 de seu livro, o autor O’Mahony reconhece que sim, havia uma escola de medicina alternativa, segundo a qual a saúde era o resultado da vida em harmonia consigo mesmo e com seu entorno, mas que essa escola não tinha nenhuma oportunidade. Se referia à psicossomática do professor Claus Bahner Bahnsen e de seus colegas internacionais, que de qualquer forma não puderam avançar muito ao estarem presos na errônea bioquímica da teoria celular. O Dr. Ryrk Geerd Hamer foi o pioneiro em formular cientificamente uma teoria sobre uma psicossomática personalizada e completa.

<sup>16</sup> “Rudolf Virchow, eine Strategie der Macht. Teil 1 und Teil 2”. (Rudolf Virchow, uma estratégia do poder. Parte 1 e parte 2) Siegfried Johann Mohr. WissenschaftPlus Nr. 5/2015 und Nr. 6/2015 y Entwicklung von Medizin und Menschheit. (Desenvolvimento da medicina e a humanidade) Stefan Lanka. WissenschaftPlus Nr. 6/2015

<sup>17</sup> Annette Hinz-Wessels. Das Robert Koch-Institut im Nationalsozialismus. Kulturverlag Kadmos, 192 Seiten, 2012. (Annette Hinz-Wessels. O Instituto Robert Koch durante o Nacional Socialismo. Kulturverlag Kadmos, 192 páginas, 2012). O livro aponta que, apenas uma vez que aqueles cientistas críticos à teoria da infecção foram expulsos da Alemanha, presos ou assassinados, pôde a teoria da infecção se impor em uma escala global.

<sup>18</sup> Veja artigo de Wikipedia em inglês sobre John Franklin Enders.

<sup>19</sup> “The First Measles Virus”. Jeffrey P. Baker. Publicado na revista Pediatrics, setembro 2011, 128 (3) 435-437; DOI: <https://doi.org/10.1542/peds.2011-1430>

<sup>20</sup> “Propagation in Tissue Cultures of Cytopathogenic Agents from Patients with Measles. John F. Enders and Thomas C. Peebles. Na revista Proceedings of the Society for Experimental Biology and Medicine, Vol. 86, edição 2 de 1.6.1954, páginas 277-286. <https://doi.org/10.3181/00379727-86-21073>

<sup>21</sup> Veja 12.

<sup>22</sup> Protocolo do processo judicial de 12.3.2015 perante o tribunal do distrito de Ravensburg, página 7 [inferior](#). Ver [www.wissenschaftplus.de/blog/de](http://www.wissenschaftplus.de/blog/de)

<sup>23</sup> Protocolo do processo judicial de 12.3.2015 perante o tribunal do distrito de Ravensburg, página 7 superior. Ver [www.wissenschaftplus.de/blog/de](http://www.wissenschaftplus.de/blog/de)

<sup>24</sup> Disponível em <http://lrw.juris.de> o en [www.wissenschaftplus.de/blog/de](http://www.wissenschaftplus.de/blog/de)



# MAUNAWAI® Kini

## ➤ Tischwasserfiltersystem

*Table Water Filter System*



● ● ● made  
in Germany

**100%**  
frei von  
Weichmachern  
*free of  
plasticizers*

Die MAUNAWAI® Kanne macht aus jedem Leitungswasser ein Wasser wie aus unberührten Bergquellen. Sie erhalten bestes schadstofffreies und lebendiges Wasser, welches unserem Zellwasser sehr ähnlich ist und deshalb vom Körper optimal aufgenommen und verwendet werden kann.

Die MAUNAWAI® Kanne Kini wird aus hochwertigem, lebensmittelechtem Kunststoff in Deutschland produziert und geprüft.

*The MAUNAWAI® jug turns every tap water into a water fresh out of virgin mountain springs. What you get is the best pollutant-free and vital water, which is very similar to your cell water and thus can be absorbed and used by your body in an optimal way.*

*The jug is easy to use. Fill the upper tank with tap water, the water runs in a few minutes through the PI filter cartridge and is immediately ready to drink.*

**Information** MAUNAWAI GmbH

Tel.: +49 3327 570880 · [info@maunawai.com](mailto:info@maunawai.com) · [www.maunawai.com](http://www.maunawai.com)



# w<sup>+</sup>magazin

## Abonnement



Abonnieren Sie jährlich 4 Ausgaben des **w<sup>+</sup>** magazins:

als gedrucktes Heft: 29 Euro  
 als PDF per E-Mail: 18 Euro  
 oder gedruckt+PDF: 38 Euro  
 unter [www.wissenschaftplus.de](http://www.wissenschaftplus.de)

Bestellen Sie eine kostenlose Probeausgabe (als PDF oder Print) von Wissenschaftplus

per E-Mail: [info@wplus-verlag.de](mailto:info@wplus-verlag.de),  
 Fax: 03327-5708930,  
 oder telefonisch: 03327 7269079

